



**livro de poemas,  
NTE 06**

-Bianca Menezes

## **Era Colonial**

### **QUINHENTISMO**

#### **Jesus na manjedoura**

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal  
pobreza?

- Por fazer-te glorioso

E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,

Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,

Em que jazo embrulhado,  
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,  
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem

E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Pe. José de Anchieta

Barroco  
**Soneto VII**

Ardor em firme coração nascido! Pranto por belos  
olhos derramado! Incêndio em mares de água  
disfarçado! Rio de neve em fogo convertido!  
Tu, que em um peito abrasas escondido, (\*?) Tu, que  
em ímpeto abrasas escondido, Tu, que em um rosto  
corres desatado, Quando fogo em cristais aprisionado,  
Quando cristal em chamas derretido.  
Se és fogo como passas brandamente? Se és neve,  
como queimas com porfia? Mas ai! Que andou Amor  
em ti prudente.  
Pois para temperar a tirania, Como quis, que aqui  
fosse a neve ardente, Permitiu, parecesse a chama  
fria.

**-Gregório de Matos**

## Arcadismo

### **Nada se pode comparar contigo**

O ledo passarinho, que gorjeia Dalma exprimindo a  
cândida ternura; O rio transparente, que murmura, E  
por entre pedrinhas serpenteia;

O Sol, que o céu diáfano passeia, A Lua, que lhe deve a  
formosura, O sorriso da Aurora, alegre e pura, A rosa,  
que entre os Zéfiros ondeia;

A serena, amorosa Primavera, O doce autor das  
glórias que consigo, A Deusa das paixões e de Citera;

Quanto digo, meu bem, quanto não digo, Tudo em tua  
presença degenera. Nada se pode comparar contigo.

**-Du Bocage**

## **Era Nacional**

### **Romantismo**

#### **Se Eu Morresse Amanhã**

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã,  
Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã!  
Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perdera chorando essas coroas  
Se eu morresse amanhã!  
Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
Acorda ti natureza mais louçã!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!  
Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!

**-Álvares Azevedo**

Realismo

Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.  
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apetecida  
E num recanto pôs o mundo inteiro.  
Trago-te flores – restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados.  
Que eu, se tenho nos olhos malferidos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

**-Machado de Assis**

## Naturalismo

### No Banho

Ninfas do bosque, Naiades formosas,  
Sátiros, Faunos, vinde vê-la agora,  
Nua, no banho, esta ideal senhora,  
Que em beleza e frescura excede as rosas.  
Vinde todos depressa!... Ei-la que cora,  
Ei-la que solta as tranças graciosas  
Sobre as espáduas níveas, capitosas...  
Ei-la que treme à loura luz da aurora...  
Tinge-se o céu de cores purpurinas,  
O sol desponta; as tímidas boninas  
Mostram à luz os cálices dourados.  
Vêde-as, Ninfas, agora: os nacarados  
Lábios, os seios túmidos, nevados,  
Segredam coisas ideais, divinas.

**-Adolfo Caminha**

## Parnasianismo

### Olha-me

Olha-me! O teu olhar sereno e brando  
Entra-me o peito, como um largo rio  
De ondas de ouro e de luz, límpido, entrando  
O ermo de um bosque tenebroso e frio.

Fala-me! Em grupos doudejantes, quando  
Falas, por noites cálidas de estio,  
As estrelas acendem-se, radiando,  
Altas, semeadas pelo céu sombrio.

Olha-me assim! Fala-me assim! De pranto  
Agora, agora de ternura cheia,  
Abre em chispas de fogo essa pupila...

E enquanto eu ardo em sua luz, enquanto  
Em seu fulgor me abraso, uma sereia  
Soluce e cante nessa voz tranquila!

**-Olavo Bilac**

## Simbolismo

### **Cantem outros a clara cor virente**

Cantem outros a clara cor virente  
Do bosque em flor e a luz do dia eterno...  
Envoltos nos clarões fulvos do oriente,  
Cantem a primavera: eu canto o inverno.  
Para muitos o imoto céu clemente  
É um manto de carinho suave e terno:  
Cantam a vida, e nenhum deles sente  
Que decantando vai o próprio inferno.

Cantem esta mansão, onde entre prantos  
Cada um espera o sepulcral punhado  
De úmido pó que há de abafar-lhe os cantos...

Cada um de nós é a bússola sem norte.  
Sempre o presente pior do que o passado.  
Cantem outros a vida: eu canto a morte...

**-Alphonsus de Guimaraens**

## Pré-Modernismo

### Versos íntimos

“Vês! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão - esta pantera -  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!”

**-Augusto dos Anjos**

Modernismo  
**Mãos Dadas (1940)**

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.

Entre eles, considere a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. Não  
serei o cantor de uma mulher, de uma história. não  
direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista na janela.

não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida.  
não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente,  
os homens presentes, a vida presente.

**-Carlos Drummond de Andrade**